

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

MUSEU DO AÇÚCAR: A CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR NO MUSEU E A TECNOLOGIA DO AÇÚCAR NA BIBLIOTECA (RECIFE - PE, 1954 A 1976)

SUGAR MUSEUM: SUGAR CIVILIZATION IN THE MUSEUM AND SUGAR TECHNOLOGY IN THE LIBRARY (RECIFE - PE, 1954 A 1976)

Bruno Melo de Araújo – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)¹

Emanuela Sousa Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)²

Victor César Silva Xavier – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)³

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este resumo expandido apresenta os resultados da pesquisa "Museália em Análise: a representação da ciência nos museus de Ciência e Tecnologia em Pernambuco", com foco no antigo Museu do Açúcar (1961-1979), originalmente vinculado ao Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e posteriormente incorporado ao Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). A pesquisa visava identificar um acervo significativo de objetos representativos do Patrimônio Industrial e Cultural da Ciência e Tecnologia na produção açucareira. Entretanto, a documentação consultada revelou um número insignificante de objetos relacionados ao patrimônio industrial, científico e tecnológico no acervo tridimensional do Museu do Açúcar. Desta forma, a reflexão indicou um desvio em relação à missão original do museu, à medida que os grupos sociais representados e os métodos de musealização adotados assumiram novos contornos, evidenciamos uma transformação na função do museu, que passou a abordar outras narrativas, sugerindo uma desconexão com a missão original do museu.

Palavras-chave: Museu do Açúcar, Ciência e Tecnologia, Representação.

Abstract: This expanded summary presents the results of the research "Museália in Analysis: the representation of science in Science and Technology museums in Pernambuco", focusing on the former Sugar Museum (1961-1979), originally linked to the Sugar and Alcohol Institute (IAA) and later incorporated into the Museu do Homem do Nordeste, from the Joaquim Nabuco Foundation (FUNDAJ). The research aimed to identify a significant collection of objects representing the Industrial and Cultural Heritage of Science and Technology in sugar production. However, the documentation consulted revealed an insignificant number of objects related to industrial, scientific and technological

¹ E-mail: bruno.meloaraujo@ufpe.br

² E-mail: emanuela.ribeiro@ufpe.br

³ E-mail: victor.cs.xavier@gmail.com

heritage in the three-dimensional collection of the Sugar Museum. In this way, the reflection indicated a deviation in relation to the original mission of the museum, as the social groups represented and the musealization methods adopted took on new contours, we evidenced a transformation in the function of the museum, which started to address other narratives, suggesting a disconnection with the museum's original mission.

Keywords: Sugar Museum, Science & Technology, Representation.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta os resultados iniciais de pesquisa acerca da representação da ciência nos museus de Ciência e Tecnologia em Pernambuco⁴, enfatizando os achados relativos ao antigo Museu do Açúcar, criado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), em 1960, na cidade do Rio de Janeiro, e transferido para o Recife, onde funcionou no período de 1961 a 1979, ano em que foi fundido a dois outros museus, dando origem ao atual Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), vinculado à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Atualmente o acervo tridimensional do Museu do Açúcar compõe o Museu do Homem do Nordeste, enquanto os demais acervos, bidimensionais, fazem parte das coleções dos equipamentos da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira, ambos vinculados à FUNDAJ.

Inicialmente, esperávamos encontrar no Museu do Açúcar um acervo que representasse o patrimônio tecnológico da produção açucareira no Nordeste, ou, pelo menos, uma perspectiva voltada ao patrimônio industrial relacionado a essa atividade. Com isso em mente, direcionamos nossas pesquisas, em um primeiro momento, para a história da instituição antes de sua incorporação ao Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), buscando compreender não apenas a formação de suas coleções, mas, sobretudo, a forma como a produção açucareira foi musealizada. Partimos da hipótese de que os processos museológicos desenvolvidos pelo Museu do Açúcar (MA) teriam como objetivo representar as transformações tecnológicas vivenciadas pelas usinas de açúcar nas décadas de 1960 e 1970, período em que o museu esteve em funcionamento.

⁴ Informação sobre o nome oficial do projeto, seu coordenador, e o financiamento institucional. Após a avaliação cega as informações serão inseridas.

Como suposição de pesquisa acreditávamos que o Museu do Açúcar (MA) pudesse ter se interessado pela representação das modificações tecnológicas vivenciadas pelas usinas de açúcar durante os anos 1960 e 1970, período em que o Museu esteve em funcionamento.

Contudo, conforme discutiremos a seguir, os resultados de pesquisa que ora apresentamos apontam para a quase total ausência de objetos representativos do patrimônio industrial, científico e tecnológico no acervo tridimensional do MA, ao mesmo tempo em que, aparentemente, este conteúdo encontra-se largamente representado nos objetos bidimensionais, especialmente livros e folhetos. Ou seja, a operação de musealização do açúcar parece estar vinculada ao seu entendimento enquanto formativo.

Apesar de a pesquisa ainda estar em andamento, acreditamos que o presente resultado parcial já merece ser discutido na academia, pois, além de identificar a missão original do museu, seus objetivos institucionais e os grupos sociais ali representados, fazemos uma análise inicial dos processos de musealização da produção açucareira.

2 O QUE MUSEALIZAR EM UM MUSEU DO AÇÚCAR?

O processo de aquisição e descarte de objetos para fins de musealização pode ser conceituado como:

[...] conjunto de ações caracterizadas pela separação/deslocamento do contexto original e privação das funções de uso de alguns objetos, que passariam a desempenhar a função de documentos. Utilizamos, neste estudo, a expressão ‘objeto musealizado’ para ressaltar o caráter de processo presente nas práticas que envolvem a musealização (Loureiro, 2007, p. 8).

Essa seleção ocorre diariamente, tanto nos museus quanto em nossas vidas cotidianas, quando decidimos quais objetos serão descartados e quais serão preservados. No contexto dos museus, essa escolha costuma refletir a comunidade ou o grupo social que sustenta a criação da instituição e busca perpetuar sua memória e valores. Assim, através da análise da constituição das coleções dos museus costuma ser possível compreender também os valores defendidos por estes grupos sociais, pois “valores não estão previstos geneticamente, mas são criados, eles precisam ser enunciados, explicitados, fundamentados [...]” (Meneses, 2012, p. 39). Nesta perspectiva buscamos pesquisar o acervo constituído pelo Museu do Açúcar, buscando identificar quais grupos sociais, e quais ideários estavam ali enunciados.

Buscávamos, prioritariamente, identificar a existência de objetos do patrimônio cultural de ciência e tecnologia, ou seja, aquele relativo ao,

legado tangível e intangível relacionado ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade, em todas as áreas do conhecimento, que faz referência às dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Estes bens, em sua historicidade, podem se transformar e, de forma seletiva, são atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural (Carta [...], 2017).

Esta definição ampara-se em uma diferenciação entre ciência e tecnologia – a ciência está muito relacionada ao mundo das ideias e conceitos; enquanto a tecnologia relaciona-se à prática, à solução de problemas práticos (Granato, 2009, p. 79) – que, contudo, nem sempre é clara nas pesquisas de campo, em que é necessário identificar e selecionar objetos, atribuindo-lhes, muitas vezes pela primeira vez, o valor de patrimônio cultural.

Assim é importante indicar que, se já há poucos trabalhos sobre o patrimônio da ciência, podemos afirmar que os trabalhos acerca do patrimônio da tecnologia estão em menor quantidade. No mais das vezes é possível encontrar referências ao patrimônio industrial, que se definem como os “vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico” (TICCIH, 2003), ou seja, os aportes científicos e, principalmente, tecnológicos relativos à industrialização. De acordo com Ferreira,

Essa definição de patrimônio industrial possibilita pensá-lo numa esfera mais ampla, associando-se a ele aquilo que definimos como Patrimônio Ambiental, no que se refere ao uso das fontes naturais, os impactos da atividade industrial produtiva no espaço no qual está inserida, e o Patrimônio Imaterial, quando nos referimos a saberes que foram sendo ultrapassados pelos novos aportes tecnológicos, às formas de viver que estavam associadas a essas atividades produtivas já em desuso, tal como a atividade ferroviária no Brasil pós-década de 1990 (Ferreira, 2009, p. 190).

Contudo, apesar das intersecções entre o patrimônio da tecnologia e o patrimônio industrial, não se trata de valoração sinônima, motivo pelo qual é muito difícil estabelecer esta diferenciação nas coleções que se encontram em museus não especializados, como o Museu do Açúcar.

Imaginávamos encontrar em um Museu do Açúcar, por exemplo, referências às tecnologias do processo produtivo, às soluções tecnológicas advindas da química, ou à

superação de pragas através dos conhecimentos da engenharia agrícola. Em nossa hipótese de trabalho, um Museu do Açúcar, por mais generalista que fosse, não poderia prescindir das referências tecnológicas... Contudo, apesar da trajetória institucional do Museu, que trataremos a seguir, estes não foram nossos achados de pesquisa.

2.1 Missão institucional do Museu do Açúcar e o regionalismo freyreano

O Museu do Açúcar foi formalmente instituído em 03 de agosto de 1960, através da Resolução nº 1475/1960 do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), que era uma instituição federal, criada em 1931, “a pedido dos usineiros, principalmente os do Nordeste, então às voltas com uma violenta crise de superprodução”⁵.

A criação do Museu vinha em discussão há cerca de uma década, discutida em vários meios políticos e intelectuais do país, maiormente por grupos sociais vinculados à produção açucareira no Nordeste e no Rio de Janeiro. O Museu foi concebido pelo historiador pernambucano Gil Methódio Maranhão e sua inauguração ocorreu no dia 03 de agosto de 1960, na sede do IAA no Rio de Janeiro, sob a presidência do Dr. Manoel Gomes Maranhão (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE).

Menos de um ano após a inauguração, o museu foi transferido para a cidade do Recife, em uma sede temporária no edifício Pirapama, na Av. Conde da Boa Vista, Recife-PE. A sua segunda inauguração aconteceu no dia 31 de janeiro de 1961. O museu ficou instalado neste edifício por quase dois anos. Porém, argumentava-se que o espaço não era adequado para suportar a estrutura do museu. Em contrapartida, a aderência do povo pernambucano ao museu foi bastante positiva (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE). Segundo documento do arquivo do MUHNE:

Apesar da precariedade das instalações provisórias, o Museu do Açúcar, sob a direção do Sr. Fernando da Cruz Gouvêa, teve uma afluência muito grande de visitantes. Diariamente, dezenas e até centenas de estudantes e visitantes em geral percorriam suas diversas seções. O museu do Açúcar já era uma realidade na vida cultural de Pernambuco. Mas, ele desenvolvia-se continuamente e urgia que se fizesse, o mais rápido possível, a sua transferência para a sede própria [...]. (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE).

⁵ CPDOV – FGV. Instituto do Açúcar e do Alcool. Disponível em: CPDOV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Acesso em: 11 maio 2021.

O local que foi escolhido para abrigar o museu permanentemente já foi um engenho (no século XVIII) chamado de Monteiro. O endereço em questão seria a Avenida 17 de Agosto, bairro de Casa Forte, Recife. O prédio foi idealizado pelo arquiteto Carlos Falcão Corrêa de Lima. Ali ocorreu a terceira reabertura do Museu, no dia 12 de outubro de 1963, em meio às festividades do trigésimo aniversário do IAA:

O Museu do Açúcar foi definitivamente inaugurado, em Sessão solene, presidida pelo Dr. Manoel Gomes Maranhão, presidente em exercício do IAA, e pelos senhores membros da Comissão Executiva do Instituto. Nesse mesmo dia foi inaugurada a exposição permanente “o açúcar e o homem” (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE).

Quase um ano depois da terceira abertura, deu-se a primeira exposição de longa duração da instituição, sob o tema de “Medalhas Holandesas”. Posteriormente foram executadas diversas exposições temporárias. Como por exemplo: “Titulares Pernambucanos do Império” (1965), “Engenhos do Vale do Siriji” (1966), “Cultura e Indústria da Cana de Açúcar” (1967), “Bigodes” (1967), “Comemoração do 430º Aniversário da Cidade do Recife” (1967), “Comemoração do 80º Aniversário da Abolição da Escravatura” (1968), “Engenhos do Vale do Jaboatão” (1968), “Rótulos de Aguardente” (1967), “Engenhos do Vale do Pirapama” (1969), “Folclore na Zona Canavieira” (1971) (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE).

A sede oficial do museu no bairro de Casa Forte tinha como configuração espacial: o térreo, local onde ficava montada a exposição de longa duração; no primeiro andar da instituição estavam localizados o setor administrativo e biblioteca. Quanto ao acervo da instituição, Araújo descreve:

O Museu do Açúcar possuía um acervo representativo da cultura canavieira e da história das famílias dos engenhos e usinas de açúcar da Região Nordeste: maquetes de usinas, de aparelhos de moagem da cana-de-açúcar, selos, cristais, açucareiros antigos, colheres, cerâmica popular, moedas, quadros, instrumentos de suplício, fotografias, rótulos de cachaça, e uma “rara coleção” de moedas holandesas 1630-1654, tudo adquirido através de doações e compra. Contava, ainda, com uma Biblioteca com cerca de 6.000 títulos, entre, livros, folhetos e periódicos (Araújo, 2014. p. 45, grifo nosso).

Chamamos atenção para a referência às maquetes de usinas e de aparelhos de moagem, que ainda existem no acervo do Museu do Homem do Nordeste, e, ao mesmo tempo, chamamos atenção para o fato de que a maioria do acervo é composto por objetos relativos à “civilização do açúcar”, ou seja, aos modos de vida da elite açucareira do Rio de

Os folhetos tratam dos mais variados assuntos, como a cultura da cana-de-açúcar, o álcool e a indústria açucareira no Brasil e no exterior; agricultura; política e governo; antropologia e folclore nacionais. Alguns podem ser considerados preciosos, pois além da tiragem reduzida, datam do final do século XIX e início do XX, como os relatórios da Companhia Engenho Central

de Quissaman (itens 209-213); os estatutos da Cooperativa Açucareira de Pernambuco (itens 266-267); relatórios e estatutos de diversas usinas pernambucanas (ver índice de assunto); conclusões da Conferência Açucareira da Bahia, em 1902 (item 257); estudos sobre o ante-projeto e o Estatuto da Lavoura Canavieira (ver índice de assunto); Plataforma do senhor José Maria Bello: candidato ao governo de Pernambuco no período de 1930-1934 (item 104); Ante-projeto de reforma agrária, de 1962 (item 640), entre outros.

Além da constituição de um acervo bidimensional relacionado à tecnologia açucareira, sabemos, como resultado de atividades de pesquisa já realizadas no âmbito deste projeto, que o Museu foi muito atuante no processamento técnico do seu acervo e já encontramos, inclusive, referência a um curso de Museologia realizado por este Museu:

De acordo com notícias de 1968, sabemos que o Instituto de Geologia realizou um intenso trabalho de investigação e pesquisa para construção de seu acervo, contando com diversos setores de seu departamento para essa tarefa. O museu do IGUF (Instituto de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco) recebeu visitas de estudantes de Museologia promovido pelo IAA (Instituto do Açúcar e Alcool), com aulas a título de colaboração, essa atividade refletia o interesse do IGUF de difundir e formar uma educação mineral nos mais diferentes níveis (JORNAL UNIVERSITÁRIO, 1968).

E é importante ressaltar a importante contribuição acerca do conhecimento científico para as ciências humanas e sociais que a instituição proporcionou ao estado. “No período de 1968 a 1973 o Museu editou oito números da Revista do Museu do Açúcar, contando com artigos de escritores e historiadores como Ariano Suassuna, José Antônio Gonsalves de Mello, e Fernando Pio” (Araújo, 2014, p. 45). Os autores citados são representantes da elite intelectual pernambucana, que, juntamente com Gilberto Freyre, foram importantes na manutenção da representação privilegiada das elites regionais, herdeiras da “civilização do açúcar” representadas no Museu do Açúcar. Através do acervo tridimensional do Museu, Pernambuco e o Nordeste foi representado no

[...] plano cultural, mais do que no político. Para isso contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas dos filhos dessa “elite regional” desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, “docilidade” da senzala, a “paz e estabilidade” do Império. O Nordeste é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras de romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, etc” (Albuquerque Junior, 1999, p. 35).

Percebe-se, portanto, que o Museu do Açúcar trabalhou, sim, com as representações da tecnologia do açúcar, contudo, estas representações estavam circunscritas ao acervo bidimensional, localizado no setor de documentação do Museu, ou seja, na sua biblioteca de referência, onde, certamente, o afluxo de público era menor. A representação das elites açucareiras ocupou a área mais visível do Museu: os salões expositivos, local privilegiado, até hoje, em qualquer museu.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criado em 1960 no Rio de Janeiro e transferido para Recife em 1961, o Museu do Açúcar funcionou até 1979, quando foi incorporado a outros dois museus para formar o Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), vinculado à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). O acervo tridimensional do Museu do Açúcar agora faz parte do MUHNE, enquanto os acervos bidimensionais estão sob a responsabilidade da Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira, também da FUNDAJ.

Esperávamos encontrar no Museu do Açúcar um acervo representativo do patrimônio tecnológico da produção açucareira no Nordeste, ou pelo menos uma perspectiva sobre o patrimônio industrial relacionado à produção de açúcar. Para isso, investigamos a história da instituição antes de sua incorporação ao MUHNE, buscando entender o processo de formação das coleções e a musealização da produção açucareira. Pensávamos que o Museu do Açúcar refletiria as mudanças tecnológicas das usinas de açúcar nas décadas de 1960 e 1970. No entanto, os resultados da pesquisa revelaram uma quase total ausência de objetos representativos do patrimônio industrial, científico e tecnológico no acervo tridimensional do Museu do Açúcar. Esse conteúdo parece estar mais presente nos objetos bidimensionais, como livros e folhetos encontrados na biblioteca, indicando que a musealização do açúcar foi realizada com um enfoque mais formativo, sem referências às tecnologias do processo produtivo, às inovações advindas da química, ou às soluções agrícolas para o controle de pragas. Apesar da trajetória institucional do Museu do Açúcar, nossos achados não corroboraram as expectativas iniciais.

O conhecimento científico também se constrói a partir de hipóteses de pesquisa que não se confirmam. Neste caso, os achados sugerem uma separação significativa: o museu

representaria a civilização do açúcar sob a ótica dos intelectuais regionalistas, enquanto a biblioteca seria responsável pela representação da tecnologia açucareira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ARAÚJO, Silvana Barbosa Lira de. **Guardiões, memórias e fronteiras: histórias e gestão do Museu do Homem do Nordeste**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública Para o Desenvolvimento Do Nordeste, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13865>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CARTA do Rio de Janeiro sobre o patrimônio cultural da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Mast, 9 maio 2017. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural-da-Cincia-e-Tecnologia.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FERREIRA, M. L. M. Reflexões sobre reconhecimento e usos do patrimônio industrial. *In*: GRANATO, M.; RANGEL, M. F. (org.). **Cultural material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Mast, 2009. p. 189-212.

GRANATO, M. Panorama sobre o patrimônio da ciência e tecnologia no Brasil: objetos de C&T. *In*: GRANATO, M.; RANGEL, M. F. (org.). **Cultural material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Mast, 2009. p. 78-102.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**. [S. l.]: TICCIH, 2003. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 8, n. 2, art. 1, 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas**. *In*: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**. Brasília: IPHAN, 2012. v. 2, t. 1, p. 25-39.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Crônica do Museu do Açúcar**. Recife, s/pág. 1970.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Resposta do Questionário da Enciclopédia Delta Larousse**. Recife, s/pág. 1970.

OLIVEIRA, Suzianne da S. F. de. **Processos de documentação museológica**: a operação limbo no Museu do Homem do Nordeste. 2017. Monografia de Conclusão do Curso de (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.